

**INSTITUTO SUPERIOR DE PSICANÁLISE A VIA
INSTITUTO A VIA**

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA

RAFAEL SILVA CARNEIRO

A FILOSOFIA ESTÓICA COMPARADA À TEORIA PSICANALITICA

BELO HORIZONTE

2022

Rafael Silva Carneiro¹, (digitada em letra tamanho 12)

RESUMO- O objetivo deste artigo é compreender como o modo de vida resignado sugerido pelos filósofos entendidos como estoicos pode ser conciliado com a teoria psicanalítica.

Este artigo tem como objetivo analisar a filosofia prática estoica como uma forma válida de concepção de felicidade e compará-la com o que a teoria psicanalítica nos diz sobre a felicidade. Por meio do estudo comparado das hipóteses levantadas por ambas as formas de pensar, foram contrapostos os argumentos em vias de conciliá-los quando possível e de demonstrar suas aparentes diferenças. Os resultados demonstraram a possibilidade de aproximação de ambas as teorias, concluindo que suas discrepâncias podem ser atribuídas mais às diferenças de linguagem, cultura e contexto histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Estoicismo. Psicanálise. Sublimação.

¹ rafaelsilvacarneiro@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Desde cedo, Freud demonstrou interesse pela filosofia e, ao longo de sua vida, fez diversas referências aos filósofos que mais o influenciaram, como Platão, Aristóteles, Schopenhauer e Nietzsche.

A relação entre a filosofia e a psicanálise é uma das mais complexas e polêmicas. Segundo Freud, a psicanálise é uma ciência e, como tal, deve seguir os princípios metodológicos da ciência, ou seja, deve ser objetiva, sistemática e verificável. No entanto, ao longo de sua obra, Freud faz diversas referências a conceitos filosóficos, o que leva alguns críticos a afirmarem que a psicanálise é, na verdade, uma filosofia.

A influência da filosofia na psicanálise de Freud pode ser dividida em dois grandes grupos: a influência da metafísica e a influência da ética. A metafísica é o conjunto de doutrinas que tratam dos princípios fundamentais da realidade, como a natureza do ser, da verdade e da existência. Já a ética é o ramo da filosofia que trata dos princípios morais, ou seja, daquilo que é considerado certo ou errado.

A influência da metafísica na psicanálise de Freud é evidente em diversos conceitos freudianos, como o inconsciente, o desejo e o tempo. O conceito de inconsciente é, sem dúvida, o mais influenciado pela metafísica. Segundo Freud, o inconsciente é o conjunto de representações, impulsos e desejos que estão fora da consciência, ou seja, que não são acessíveis à consciência. Neste conceito, vemos Freud seguindo uma linha de pensamento iniciada pelo filósofo alemão Arthur Schopenhauer, que afirmava que a verdadeira natureza do homem é o inconsciente, ou seja, aquilo que está fora da consciência. É claro que, a partir daí, irá formular sua própria teoria sobre o inconsciente.

Outro conceito freudiano que é fortemente influenciado pela metafísica é o conceito de desejo. Para Freud, o desejo é a força motriz da psique, ou seja, aquilo que nos leva a buscar a realização de um determinado objetivo. Nesta concepção percebemos a trajetória que foi tomada pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que afirmava que o desejo é a força motriz da vida, ou seja, aquilo que nos leva a buscar a realização de um determinado objetivo.

A influência da ética na psicanálise de Freud é menos evidente do que a influência da metafísica, mas ainda assim é presente em diversos conceitos freudianos, como o superego, a culpa e a vergonha.

O próprio conceito de vergonha é trabalhado por Nietzsche, que afirmava que a vergonha é o sentimento que surge quando o indivíduo se confronta com a realidade de seus desejos.

No entanto, por mais que possamos dizer que os pensadores Nietzsche e Schopenhauer tiveram uma influência mais direta no pensamento freudiano, e, portanto, na teoria psicanalítica, a filosofia clássica grega era a grande base para o conhecido período do romantismo alemão. Nietzsche, Schopenhauer e Freud estudaram a filosofia clássica grega e usaram-na de base para a sua formação teórica.

O presente artigo tem a intenção de fazer uma análise da filosofia estoica e refletir se ela pode contribuir para a prática clínica psicanalítica. A prática psicanalítica nasce na modernidade e apoia-se fortemente em mitos gregos e na filosofia grega, embora muitas oportunidades de fazer esse vínculo pelo próprio Freud sejam perdidas, aproximá-las pode nos permitir a revelar pontos que são por vezes esquecidos na psicanálise.

Há ampla literatura aproximando os conceitos psicanalíticos às teorias filosóficas, mas com maior frequência a filosofia do período do romantismo alemão. Raras são as menções especificamente à filosofia estoica, embora esteja sempre permeando-a. Isto é o que esse artigo tem o objetivo de realizar.

É necessário dizer, para fins de esclarecimento, que não existe uma única prática psicanalítica, sendo que essa desde sua proposição inicial é que seja diversa e constantemente investigativa, sem que haja quaisquer limitações *à priori*.

O estoicismo estabelece uma relação entre o desenvolvimento da resignação, da capacidade racional do ser humano, e que a sua felicidade não é proveniente de como as coisas são, mas sim de como percebe a realidade, e de sua capacidade de resignar-se daquilo que não está sob seu controle e de sua capacidade de ação sobre aquilo que está. Da mesma forma, vemos na teoria psicanalítica a importância da percepção da construção da felicidade como algo único e individual, resultante da força

que o Ego tem de se proteger de forças externas e internas (impulsos do ID e pressões do Superego), para que possa então construir essa felicidade.

Este pequeno trabalho tem o objetivo de aproximar as duas formas de pensamento, conciliar seus ensinamentos onde são possíveis e analisar suas aparentes contradições ou contraposições.

Espera-se que com a conciliação de duas teorias separadas por milênios, construídos em períodos históricos e culturas diferentes, possa-se buscar um melhor entendimento das energias psíquicas do ser humano, como fortalecer-se neste determinado aspecto, e, portanto, permitir uma construção de realização pessoal aos indivíduos. Problema este, o da felicidade, sendo mais atual que nunca devido aos elevados índices de depressão, ansiedade e angústia que se notam no mundo contemporâneo.

A pesquisa bibliográfica e o estudo comparativo das teorias foi escolhido como método discursivo, próprio da filosofia e da psicanálise, para a construção das hipóteses levantadas neste artigo.

2 DESENVOLVIMENTO

A filosofia estoica floresceu durante o período do século III a.c, tendo como fundador conhecido Zenão de Cítio e seu último representante importante foi o imperador romano Marco Aurélio que viveu no século II d.c, apesar disso, as escolas estoicas sobreviveram até o início da Idade Média, no século VI, quando foram então ordenadas o fechamento de todas as escolas pagãs por ordem do imperador Justiniano.

O uso moderno da palavra estoico tomou uma acepção de alguém que é indiferente, por vezes apático, tanto aos prazeres quanto aos sofrimentos da vida. No entanto, tal entendimento pode ser considerado no mínimo limitado, se não completamente equivocado. A melhor compreensão pode ser atingida por uma das frases de um dos seus maiores representantes, Epicteto:

Das coisas existentes, algumas são encargos nossos; outras não. São encargos nossos o juízo, o impulso, o desejo, a repulsa – em suma: tudo quanto seja ação nossa. Não são encargos nossos, o corpo, as posses, a reputação, os cargos públicos – em suma: tudo quanto não seja ação nossa. (ENCHEIRÍDION, capítulo 1, 2012, p.15)

Vejamos que se trata então de resignação, não de apatia. A partir da separação clara das coisas que dependem de nós (*tà eph'hēmîn*) e as que não dependem. Não se rejeita os impulsos e desejos, mas coloca-os sob nossa responsabilidade. Pode-se, no entanto, questionar qual é a nossa capacidade de ação sobre esses impulsos? Eles então seriam a origem do mal humano?

Não é segredo que Freud bebe da rica fonte da filosofia alemã, descrita por vezes como pessimista ou trágica. Freud por vezes menciona Schopenhauer em suas obras²⁴, e vemos eles apostarem em uma visão que a tragédia grega traz sobre o homem: como alguém incapaz de determinar seu destino, movido por forças que não controla e pouca compreende. O paralelo que é feito com a noção de inconsciente é nítido.

A apresentação que Schopenhauer faz da tragédia interpreta o trágico como autodestruição e autonegação da vontade. Nos conflitos que constituem a ação da tragédia (quer se deem entre homem e fatalidade ou entre homem e homem), Schopenhauer enxerga a luta das diversas manifestações da vontade umas com as outras, portanto a luta da vontade contra si mesma (SZONDI, 2004, p. 53).

Só que para Schopenhauer, esse inconsciente se chama Vontade, que é cega e universal, move todos os seres e em qual todos os seres estão inseridos. Neste sentido, poderia dizer que ele se aproxima da concepção de Deus, no entanto, Schopenhauer afasta-se dele ao dizer que se isso fosse Deus, seria mais o diabo do que a divindade:

[...] este mundo de criaturas sempre miseráveis, condenadas, para viver um instante, a se devorarem umas às outras, a passar sua existência na angústia e na necessidade, a suportar constantemente atrozes torturas até o momento em que caem finalmente nos braços da morte; envolvamos todo este espetáculo num só golpe de vista e daremos razão a Aristóteles quando diz: a natureza é demoníaca e não divina (De divinat., cf. II, p. 463); admitiremos mesmo que um Deus que se apercebesse de ter se transformado em semelhante mundo, deveria ter sido verdadeiramente possuído pelo diabo (SCHOPENHAUER, 2006, p. 1-2).

² O trágico: Schopenhauer e Freud. São Paulo: Primavera Editorial, 2015. 370 p., (pp. 308-326)

Vemos então que a filosofia de Schopenhauer é verdadeiramente fatalista, trágica e dramática. Esse tipo de determinismo, é por vezes comparada com certas visões do estoicismo. No entanto, uma visão mais complexa e apurada do estoicismo, nos permite enxergar que os estoicos não viam a contradição entre livre arbítrio e destino como os filósofos modernos veem. Para os estoicos, o destino (*heimarmenê*) identifica-se com as forças éticas, teológicas e lógicas que se inscrevem na ordem natural (BRUN, 1986).

correspondendo ao seguinte raciocínio: as forças naturais nos impelem à ação, mas não a determinam.

No caso da obra Freudiana, vemos esse conceito sendo explorado na noção das pulsões. O próprio conceito de pulsão aproxima-se muito do sentido estoico das forças naturais:

A palavra "Trieb", na língua alemã, pode ser usada em vários sentidos. Um deles, pouco conhecido em nosso meio, é como sinônimo perfeito de "Instinkt". É frequente, em textos de biologia, "Trieb" e "Instinkt" serem usados de forma intercambiável, em referência aos instintos dos animais. Este uso, em que "Trieb" e "Instinkt" são sinônimos, também não é totalmente estranho a Freud (embora, em geral, ele os empregue em sentido diferente). Em "Psicologia das Massas e Análise do Eu", Freud discute o conceito, do autor inglês Trotter, de "herd instinct" (instinto gregário ou, literalmente, "instinto do rebanho") e ora ele o traduz por "Herdentrieb" ("pulsão do rebanho"), ora por "Herdeninstinkt" ("instinto do rebanho"), sem nenhuma distinção (Freud, 1921/1982, cap. IX, pp. 109-113). Em certo ponto, ele escreve: "Trotter dá a lista de pulsões (ou instintos) [Triebe (oder Instinkte)] que considera primárias: as de autopreservação, de nutrição, a sexual e a gregária." (GOMES, 2002)

Dentro da teoria psicanalítica, vemos então que Freud ao trabalhar o conceito do ID, este foi concebido como uma soma de conteúdos de natureza pulsional e de ordem inconsciente, voltados para a perpetuação da vida. É o instinto que nos propulsiona a agir, mas não determina em qual direção. Podemos dizer, segundo essa concepção muito similar à estoica, que a prática psicanalítica é fruitiva justamente quando se propõe a dar direção a esses impulsos.

Retornando à Schopenhauer, vemos que o filósofo se afasta da noção estoica, ao propor que o verdadeiro destino do homem seria a morte e que a única forma de diminuir seu sofrimento fosse por meio da extinção do desejo.

A vida humana transcorre, portanto, toda inteira entre o querer e o conquistar. O desejo, por sua natureza, é dor: a satisfação bem cedo traz à saciedade. O fim não era mais que miragem: a posse lhe tolhe o prestígio; o desejo ou a necessidade novamente se apresentam sob outra forma, que do contrário bem o nada, o vazio, o tédio(...)" (SCHOPENHAUER, 2012, p.82)

O filósofo alemão propõe uma superação do desejo por meio de sua extinção, uma espécie de ascetismo, assumindo uma castidade, pobreza e jejum intencionais e voluntários. A psicanálise, muitas vezes, diagnostica a proposição de Schopenhauer como um transtorno. Pois, para Freud, parar de desejar é impossível. As pulsões fazem parte da própria natureza humana, é uma energia que se acumula ou se esvai, mas que nunca cessa de brotar. Curiosamente, apesar de estar mais localizado dentro da filosofia alemã em termos culturais e temporais, novamente Freud se aproxima mais do estoicismo.

Para os estoicos, deve-se aceitar sua própria natureza, seus instintos, entrar em termos com os aspectos que estão fora de seu controle. Deve-se, no entanto, tomar para si a responsabilidade daquilo que está de fato em sua capacidade, e atuar firmemente para modificar aquilo que está em seu alcance. Essa seria a verdadeira capacidade humana.

Enquanto para os estoicos parece-nos que está no descontrole dos instintos, das emoções e dos impulsos todo o mau que acomete o ser humano, Freud os julga como nem bons nem maus, mas que uma definição entre eles vem somente da exigência da vida em sociedade:

Na realidade, não existe essa "erradicação" do mal. A pesquisa psicológica – ou, falando mais rigorosamente, psicanalítica - revela, ao contrário, que a essência mais profunda da natureza humana consiste em impulsos instintuais de natureza elementar, semelhantes em todos os homens e que visam à satisfação de certas necessidades primevas. Em si mesmos, esses impulsos não são nem bons nem maus. Classificamos esses impulsos, bem como suas expressões, dessa maneira, segundo sua relação com as necessidades e as exigências da comunidade humana. Deve-se admitir que todos os impulsos que a sociedade condena como maus – tomemos como representativos os egoísticos e os cruéis – são de natureza primitiva (FREUD, 1976, p.12).

À primeira instância, vemos uma oposição entre as duas formas de pensar e conceber o sofrimento humano, que, no entanto, podem ser conciliados. Para a teoria psicanalítica, os impulsos maus vêm da natureza primitiva do ser humano. Os estoicos concordam que a alma humana possui dois atributos, um proveniente de sua parte animal, portanto instintiva, e outra racional, sendo esta dotada de um atributo superior, e a razão, que a é a única capaz a lhe trazer sua felicidade:

Primeiro aprenda quem você é e, depois, à luz desse conhecimento, procure adornos para si. Você é um ser humano — isto é, um animal mortal dotado da habilidade de usar as representações racionalmente. E o que é “racionalmente”? Em conformidade com a natureza e perfeitamente. Que elemento de superioridade, portanto, você possui? O animal em você? Não. Sua mortalidade? Não. Sua habilidade de fazer uso das representações? Não. É a sua razão o elemento de superioridade em posse sua; adorne e embeleze isso. (Diatribes, III, 1: 25-26)

Na teoria psicanalítica, veremos argumento similar quando este trata da sublimação³. Apesar da importância deste conceito para a teoria psicanalítica, Freud não nos deu uma definição muito clara deste conceito ou o desenvolveu amplamente, sendo uma de suas melhores definições como as “atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual” (LAPLANCHE, 1967, p.465). Vemos então, sobre a ótica de Freud, as principais representações da sublimação nas atividades artísticas, na prática esportiva e no desenvolvimento intelectual, como um resultado frutivo das pulsões, embora não limitada a essas.

Há uma divergência das posições de Freud a respeito do uso da sublimação na prática analítica. Em um primeiro momento, parece idealizar o processo de sublimação (FREUD, Recomendações aos Médicos que Exercem Psicanálise, 1912b/1994) e submetê-lo a uma categoria demasiadamente normativa, o que não é coerente com a prática psicanalítica. Sua advertência era que incrementar a sublimação do impulso

³ Aqui nos referimos ao conceito de sublimação que Freud passa a se aproximar de 1910 em diante, com a publicação do ensaio sobre Leonardo da Vinci, pois a partir desse artigo, conota-se que não existiria o recalque das pulsões sexuais na sublimação, ocorreria sim uma transformação direta dessas pulsões para a produção de objetos sublimes.

como possível objetivo do tratamento analítico levaria a uma limitação da satisfação pulsional. Caso aquele indivíduo já tivesse a capacidade de lidar com essa limitação, a sublimação ocorreria espontaneamente.

Porém, há uma mudança de posição já no final de sua vida, ou talvez apenas um esclarecimento dessa mesma posição. Ao afirmar que a capacidade do paciente de sublimar suas pulsões poderia ser muito importante para o tratamento analítico (FREUD, Esboço de Psicanálise 1940/1994), podemos recordar que a transformação da pulsão de morte é parte dependente do sucesso da análise. Transformar a pulsão de morte significa a mudança de impulsos de destruição em criação, portanto, aqui vemos a íntima relação com o processo sublimatório. É a intervenção do Ego no Id, ou, como poderiam dizer os estoicos, a ação da razão sobre os instintos.

Com os exemplos citados, é difícil conceber que um filósofo estoico não concordaria com Freud que este é um bom uso da razão para os instintos e emoções da parte animal presente no ser humano. Sob algumas interpretações, poder-se-ia argumentar que, enquanto os estoicos preveem a contenção dos impulsos, Freud argumenta que o ser humano não pode ser feliz sem a satisfação dos impulsos do ID. Mas, com a devida vênia, podemos enxergar de modo conciliatório se vemos como Voelke:

Se admitimos que extirpação das paixões não é uma extirpação dos próprios impulsos, mas unicamente uma repressão do excesso que faz destas paixões, poderemos pensar que as 'eupathias'⁴ não são mais que os impulsos reconduzidos à medida racional. (VOELKE, 1973, p56)

Em o *Mal Estar da Civilização*, Freud nos traz uma lista de formas possíveis com a qual o ser humano pode ser feliz, em seu conceito tradicional de felicidade, que significa prazer. Das várias hipóteses que lista, desde a intoxicação pelo uso de drogas a técnicas de autodomínio, a sublimação aparece no final desta lista como uma reorientação dos impulsos que possam ultrapassar as frustrações trágicas pelo mundo exterior. Sua fala, neste instante, parece a de verdadeiro estoico. A sublimação é neste caso a realização pelo trabalho psíquico e intelectual:

⁴ Eupathias: constância em opor-se as paixões, são movimentos racionais que respeitam as normas do logos (princípio universal que rege a natureza)

Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós. Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos. (FREUD, 1930, p.98)

Em um ponto, entretanto, parecem discordar a filosofia estoica e o pai da psicanálise. Enquanto para a sublimação para Freud é vista como para poucos, para os estoicos é uma faculdade inerente a todo ser humano.

A sublimação pode ser considerada o processo em que transformamos as nossas pulsões em obras culturais, científicas e artísticas. Este prazer seria de certa forma, o prazer superior aos quais os estoicos mencionavam. Podemos levantar uma hipótese esperançosa no pensamento freudiano em *O futuro de uma ilusão*:

Pensar-se-ia ser possível um reordenamento das relações humanas, que removeria as fontes de insatisfação para com a civilização pela renúncia à coerção e a repressão dos instintos, de sorte que, imperturbados pela discórdia interna, os homens pudessem dedicar-se à aquisição da riqueza e à sua fruição. (FREUD, 1997, p.21)

Porém, em seguida, parece refutá-la: “Essa seria a idade de ouro, mas é discutível se tal estado de coisas pode ser tornado realidade” (FREUD, 1997, p.12).

No entanto, vale refletirmos que há veracidade nos dois argumentos. Quanto à visão estoica e o que dizem sobre a característica universal da capacidade racional em todos os seres humanos, e que todos, com o devido esforço, poderiam alcançar a capacidade de autodomínio das paixões (impulsos), ao menos parcialmente e temporariamente.

Contrastado pelo fato de que, Freud, sua experiência clínica e a experiência posterior nos mostrou que, embora possa mesmo existir em potência essa alma racional capaz de transformar os impulsos passionais e sublimá-los, em suas muitas vezes não sai de sua capacidade potencial, e é de fato pouquíssimo utilizado exceto por pessoas excepcionais.

Os estoicos já pareciam prever tal hipótese. Atender ao chamado do destino, para um estoico, significa escolher ser livre, o que é absolutamente a escolha entre a razão e a irracionalidade. Importante esclarecer, que aqui, para o estoico, a escolha racional implica necessariamente aquela ação à qual é tipicamente a que irá livrá-lo da

escravidão provocada pelas paixões. Ser livre é ser resignado, não passivamente, mas ativamente, é o sujeito qual tem consciência de suas paixões e é senhor das mesmas – não seu escravo.

Faça um esforço para nunca fazer nada à força; o que quer que seja para quem sente aversão, não é para quem ama. Por isso te digo: aquele que aceita de bom grado um pedido é poupado da parte amarga da escravidão: fazer o que você não quer. Não é lamentável quem faz uma coisa porque lhe foi ordenado, mas aquele que o faz pela força. Assim pois, disponhamos nosso espírito para que desejemos qualquer coisa que o sítue, demandas e principalmente para que pensemos sem tristeza no nosso fim. (SÊNECA, 2006, p. 161)

No vocabulário estoico, razão e livre arbítrio são sinônimos, e o homem está predestinado a ser livre. Em outras palavras, a liberdade é seu destino. Porém, seu destino só será cumprido se este exercer sua capacidade racional para tanto, não há fatalismos absolutos. Os caminhos são conhecidos a partir do fato de que se sabe onde cada estrada começa e onde termina, mas como serão percorridas e se serão percorridas, ainda depende exclusivamente da vontade do caminhante. Há ainda que determinar sua direção, pois se sabe o destino, não se sabe qual estrada será tomada, e os pontos de partida podem variar tanto quanto os de chegada, gerando uma combinação infinita de jornadas possíveis. Estaria neste ponto, então, a beleza de aceitar a vida e seu próprio destino?

É interessante que, a filosofia de Nietzsche, neste caso, também está próxima na sua concepção sobre a vida, liberdade e destino, tanto da visão estoica quanto da visão de Freud. Ele afirma:

Minha fórmula para a grandeza no homem é amor-fati: não querer nada de outro modo, nem para diante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo – todo idealismo é mendacidade diante do necessário -, mas amá-lo“ (NIETZSCHE, 2001, p.10)

O amor-fati é esse amor ao destino, a própria realidade da vida como ela é, sem querer transformá-la para além do possível, sem se angustiar por aquilo que não se pode mudar. Essa visão talvez seja a que Freud tenha mais assimilado e incorporado em sua teoria psicanalítica.

Encerramos, defendendo que há uma visão positiva no tom adotado por Freud, certamente diferente da tônica de Schopenhauer, afastando-se do tom fatalista de alguns filósofos alemães e mantendo-se próximo da exemplar força de caráter que os estoicos demonstram.

Não vi como discutir a transitoriedade de todas as coisas, nem pude insistir numa exceção em favor do que é belo e perfeito. Não deixei, porém, de discutir o ponto de vista pessimista do poeta de que a transitoriedade do que é belo implica uma perda de seu valor.

Pelo contrário, implica um aumento! O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição. (FREUD, 1915)

3 CONCLUSÃO

Começamos o artigo com a proposição de refletir em que medida a filosofia estoica poderia contribuir com a teoria psicanalítica e a sua aplicação prática, a clínica. Utilizamos também a filosofia de Schopenhauer como representação da filosofia contemporânea alemã, que mais usualmente é traga como influenciadora da teoria psicanalítica. Com a análise comparada realizada, podemos concluir inclusive, que em diversos pontos a teoria psicanalítica se aproxima mais da filosofia estoica do que a proposta por Schopenhauer. O estoicismo e a psicanálise podem cambiar mutuamente sem que haja qualquer perda de identidade de cada uma. Pelo contrário, reforçam-se. Há sim, aparentes discrepâncias à primeira vista, porém, pode-se tratar de tais diferenças quando se buscar uma interpretação conciliadora. Afinal, a filosofia estoica e a psicanálise estão separadas não somente por diferenças linguísticas, que já seriam de se considerar enormes e intransponíveis, mas também por milênios e contextos históricos completamente diferentes.

A começar pela concepção do que é desejo, pulsão e instinto, há um grande ponto de contato. A própria aceção do que é o destino do ser humano e quais forças ele é capaz de submeter a sua vontade. Há ainda que considerar que uma das principais aproximações é quando tratamos do conceito de sublimação (para a teoria psicanalítica) e a superação dos desejos e do destino (para os estoicos). Embora a terminologia seja diferente, ambos supõem que existem forças naturais no ser humano que não podem ser negadas, suprimidas ou completamente superadas, mas que são

passíveis de uma destinação superior que levaria a um ser humano mais saudável e produtivo, segundo suas próprias concepções.

Vemos que, para Freud, a sublimação pode ser uma satisfação substitutiva das pulsões sexuais, o que nos dá uma visão esperançosa para o ser humano, que é a via aberta da sublimação ao qual poderia reverter as angústias modernas. No entanto, não elimina a visão de uma condição trágica do ser humano, que é resultado do embate pulsional dentro da psique humana, que deve ser encerrado, necessariamente, com a morte. Porém, a transitoriedade da existência humana poderia então ser aliviada pela mediação da arte, das ciências e das atividades fruitivas.

Tratando dos estoicos, trazem sua natural aceitação da vida e da condição humana, colocando como condição para o espírito humano a própria ideia de superação das adversidades, sem lamentar-se sobre ela. Em outras palavras, não haveria espaço para angústia, pois esta seria apenas reclamar sobre aquilo que é natural. Se algo tem que ser feito, mas não se deseja realizá-lo, passe então a desejá-lo para que possa fazê-lo sem sofrimento. É uma ressignificação, constante, do presente ao qual está inserido e vivendo.

Ao trazer um melhor entendimento e espécie de atualização da filosofia estoica, podemos aproximar seus conceitos de outros utilizados na teoria psicanalítica, com destaque para a sublimação, longe, no entanto, de esgotarem-se todas as possibilidades no presente estudo.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENCHEIRÍDION, capítulo 1, Tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien, EdiUFS: 2012.

EPICTETO, *As Diatribes de, livro I*, Tradução de Aldo Dinucci, Imprensa da Universidade de Coimbra: 2019.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. In: DREYFUS, H. RABINOW, P. Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (1930). *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, v.XXI, 1976.

FREUD, Sigmund. (1976). **Reflexões para os tempos de guerra e paz**. In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão. vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, pp. 317-318

FREUD, Sigmund. (1996). **Os instintos e suas vicissitudes**. In J. Strachey (Ed., Trad.). *Edição standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 14, pp. 115-144). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1915).

FREUD, Sigmund. (1997). **O futuro de uma ilusão**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, p. 12

LAPLANCHE, J. Pontalis, J.-B. **Vocabulário de La Psychanalyse**. Paris: Presses Universitaires de France, 1967, p.465.

VOELKE, A.-J. **L'Idée de volonté dans le stoïcisme**. Paris: Presses Universitaires de France, 1973.

GOMES, G. **Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb**. 2002. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Set-Dez 2001, Vol. 17 n. 3, pp. 249-255- niversidade Federal Fluminense, RJ, 2002.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 7** (1997). *ESB*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. 1997.

FREUD, Sigmund. **Sobre a Transitoriedad**". (1916/1915). Retirado do vol XIV das Obras Completas – Ed. Imago.

BRUN, Jean. **O estoicismo**. Trad. João Amado. Lisboa: Edições 70, 1986.

SÉNECA, Lucio Anneo. **Cartas a Lucilio**. Trad., prólogo y notas Vicente López Soto. 3. ed. Barcelona: Juventud, 2006.

SCHOPENHAUER, A. **Do mundo como vontade e representação** – Saraiva, 2012)

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Trad.: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ARISTÓTELES. Poética. In: **Metafísica: Livro 1 e Livro 2/ Ética a Nicômaco / Poética**. Seleção: José Américo Motta. Trad.: Vincenzo Cocco. São Paulo: Abril Cultural, 1979

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Trad.: M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

FREUD, S. (1940 [1938]) **Esboço de psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII.

FREUD,S **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise**: sobre o início do tratamento,vol. XII, 1913.